

evidentemente, mas evitando imiscuir-se nas querelas partidárias internas que constituíam o alimento quase único da imprensa do tempo. Em 1834, apareceria outro jornal inglês, *The Rio Packet*, sem participação nos nossos problemas. Numa cidade de 130 000 habitantes e menos de cem ruas, cujo centro se constituía de estreitas artérias, becos ainda mais estreitos, marginados de velhas casas de rótulas e balcões, cujos limites extremos eram a Lapa e o Campo de Santana, o poderio do grupo comercial era naturalmente grande⁽⁷¹⁾. Considerando que esse grupo se constituía de esmagadora maioria de estrangeiros, é fácil constatar o sentido de sua influência.

Foi nessa cidadezinha que desfrutava das honras de capital de país extenso e de autonomia recente que se instalou, vindo de seu país por motivos políticos, Pierre Plancher, trazendo o seu meio de vida, uma oficina tipográfica completa, que logo pôs em funcionamento, imprimindo folhinhas, leis, papéis avulsos, e vendendo na loja também livros e calendários. Plancher tinha, entretanto, a coceira jornalística e logo começou o *Spectador*, que ele mesmo redigia, sob o transparente pseudônimo de *Hum francês brasileiro*. Foi na oficina, instalada à rua da Alfândega 47, que Pierre Plancher iniciou, a 1º de outubro de 1827, o *Jornal do Comércio*.

A folha pretendia explorar e ampliar o filão que vinha sendo praticamente monopolizado pelo *Diário do Rio de Janeiro* e que lhe permitira superar o caráter efêmero dos jornais da época. E, realmente, foi o que lhe permitiu isso, fazendo-o chegar aos nossos dias, embora com fisionomias diferentes conforme as diversas fases que atravessou, acompanhando o desenvolvimento do país e em particular o de sua capital. Assim, a folha não se destinava apenas a dar melhor e maior divulgação às notícias comerciais — preços, movimento de paquetes, informações sobre importação e exportação, noticiário do país e do exterior e, particularmente, anúncios — como a fornecer os elementos mais importantes do quadro político, participando, assim, dos episódios principais daquela fase. Os primeiros redatores do *Jornal do Comércio* foram, além do próprio Plancher, Emil Seignot, João Francisco Sigaud, Júlio César Muzzi, Francisco de Paula Brito e Luís Sebastião Fabregas Surigué. Pouco adiante, Plancher, por ter de regressar à França, deixou o jornal a cargo de Seignot, que o vendeu, a 4 de fevereiro de 1834, a Julius de Villeneuve e Reol de Mongenot. Aquele comprou, pouco depois, a parte deste, e impulsionou o jornal, fazendo de

(71) A força do grupo mercantil está espelhada no *Almanaque dos Comerciantes*, Rio, 1827, em que aparecem especificados segundo o ramo a que se dedicavam. Havia ramos em que se notava preferência de nacionais de determinada origem — os franceses no vestuário e modas, por exemplo. Os portugueses dominavam o comércio a retalho, particularmente o de gêneros alimentícios.